

TIMON DE ATENAS de Shakespeare

Baseado na adaptação e atualização da peça por **NICHOLAS HYTNER e BEN POWER** do **NATIONAL THEATRE DE LONDRES**, traduzido por Susan Mace e Izabel dos Reis Velloso, com base na tradução do original de **BARBARA HELIODORA**.

Argumento

Timon de Atenas, na celebrada versão moderna do Royal National Theatre de Londres em 2012 para o Royal Shakespeare Festival, 22 atores fazendo 29 personagens contam a história de um mecenas que com presentes, festas, banquetes e empréstimos garante um séquito de amigos entre artistas, políticos e membros da alta sociedade. Timon é festejado por sua liberalidade e filantropia, ainda que muitos se aproveitem de sua desmedida generosidade.

A versão brasileira da produção: ágil e de impacto, a ação se passa em uma grande capital contemporânea. **Na primeira cena do primeiro ato** vemos Timon nos seus tempos de bonança, recebendo convidados numa cena onde vemos ao fundo projetada a pintura **Jesus Expulsa os Vendilhões**, de El Greco. Como na produção em Londres a pintura já sugere o que vai acontecer. Segue-se na cena 2 um banquete para 12 pessoas, remetendo à Última Ceia e as traições que estão por vir. Ao fundo ouvimos manifestações de revolta do povo, que quer derrubar o “sistema” em tempos de crise em “Atenas”, aqui símbolo de uma democracia capitalista. Alienado, Timon ignora quaisquer sinais das dificuldades presentes ou por vir; conta com um só crítico, o cético filósofo Apemantus, que faz pouco dos valores da sociedade e do povo e critica duramente (e com humor) a falta de critério de Timon. Timon o ignora e celebra os amigos e a amizade como o maior dos bens.

Nas cenas seguintes vemos que Timon desconhece a fragilidade de sua posição financeira e acaba endividado e arruinado, com cobradores à porta. Confiante nos amigos que tem, ao buscar ajuda descobre que não tem nenhum. Seus criados vão a todos senadores a quem presenteou regamente e a quem emprestou dinheiro - um por um todos o recusam. Os únicos que tentam ajuda-lo são seus criados. Revoltado e enfurecido, Timon resolve dar um segundo e último banquete onde serve excrementos a seis destes falsos amigos e os enxota, esbravejando contra a humanidade em geral. O rumor nas ruas aumenta.

Na abertura do segundo ato, Timon faz o “solilóquio da muralha” onde expressa sua desilusão com toda a humanidade, incitando todos à revolta. Vai morar nas ruas da periferia, buscando comida em latas de lixo onde encontra uma caixa escondida com ouro; resolve usa-lo para vingar-se. É procurado em vão por Flávia que quer ajuda-lo, pelo Poeta e Pintora que querem tentar a sorte, por Apemantus que o aconselha a voltar como um cínico e bajulador e por ladrões que querem rouba-lo. Quando encontra o líder dos manifestantes, Alcebiades, vê uma oportunidade de vingança, dando ouro aos manifestantes para tomarem o poder e derrubarem “Atenas” .

Vê que cumpriu seu destino e prepara sua tumba junto ao mar: escreve seu epitáfio e desaparece. Enquanto isto Alcebiades toma o poder mas “compõe” com os poderes políticos vigentes: vai usar o poder para a própria glória. A peça termina com Alcebiades, agora líder do governo no Congresso posando para fotos e fazendo declarações vazias e de impacto para a mídia.

Tudo muda e nada muda enquanto Timon, de sua tumba junto ao mar, lança imprecações contra tudo e todos.

PRÉ-ROTEIRO – SUMÁRIO

(Não corresponde à versão completa da dramaturgia)

MODALIDADE: Uma comédia satírica.

Época: 2013

Local: Londres ou uma grande capital contemporânea, centro do poder.

Atos e Cenas: A peça foi dividida em dois atos. O primeiro ato é dividido em 10 cenas, e o segundo ato em 4 cenas.

Cenários: Vide cenas para descrição detalhada e fotos da produção NT de Londres no final. No geral:

No Ato 1 os cenários iniciam por uma grande galeria de arte ou museu, deslocam-se para a mansão de Timon (cenário interno e externo), para a rua e as casas de diversos senadores.

No Ato 2, o cenário muda para um beco sujo num lugar remoto da cidade, e posteriormente para uma praça em frente ao Parlamento/Congresso e finalmente para uma sala no interior do mesmo.

Figurinos: Vide cena por cena para descrição detalhada. Em geral:

Ato 1: Trajes contemporâneos que refletem a elegância das classes abastadas, terno e gravata para os senadores, vestido / terno para a senadora e uniformes para os criados, criadas e garçons.

Ato 2: Moletoms com capuzes para os manifestantes, trajes de morador de rua para Timon, uniforme de general para Alcebiades e terno e gravata para alguns de seus seguidores. Senadores vestem ternos e gravatas elegantes.

Música: Trilha sonora composta para as cenas.

Observações:

- (i) Os cenários e o figurino refletem a época atual, mas o texto, com alguns cortes e alterações, mantém-se como no original, no formato versificado e linguagem característica de Shakespeare.
- (ii) Este roteiro só inclui algumas passagens ilustrativas do texto completo adaptado.

Personagens: São 20 (vinte) personagens que fazem 29 (vinte nove) papéis na peça, mais duas dançarinas, total 22 (vinte e dois) além de elenco de apoio: convidados, garçons, manifestantes de rua e ladrões. Destes, 7 (sete) atores detêm 75% das falas.

DRAMATIS PERSONAE

(22 personagens mais duas dançarinas + elenco de apoio)

Timon de Atenas, um mecenas

Flavia, sua assistente.

Flaminia, sua criada (faz também *Timandra*).

Servilius, seu criado.

Philotus, seu criado.

Lucilius, seu criado, mais tarde genro de Lucullus.

Amigos de Timon:

Apemantus, um cínico.

Um Poeta

Uma pintora

Uma Joalheira/Designer de joias. (faz também *Phyrnia*)

Um Ator (faz também *Alcebiades*)

Senadores:

Lucullus, um velho senador ateniense.

Ventidius, um jovem senador ateniense.

Varro

Isidoro

Sempronia

Lepidus. (faz também *Hostilius*)

Oficiais de justiça / cobradores / Ladrões

Caphis (faz também *Ladrão 1*)

Hortencius (faz também *Ladrão 2*)

Titus (faz também *Ladrão 3*)

Hostilius

1a Dançarina

2a Dançarina

Manifestantes:

Alcibiades, líder dos manifestantes.

Timandra, manifestante.

Phyrnia, manifestante.

ATO 1

Em 10 cenas, o primeiro ato nos dá (i) a preparação para o conflito e (ii) o seu desenvolvimento e (iii) a primeira crise:

Nas primeiras cenas vemos Timon como um grande mecenas que patrocina políticos, artistas, filósofos, prostitutas e qualquer um que se diga seu amigo. Entre recepções e banquetes oferecidos por Timon. "atenienses" ilustres gravitam em torno dele enquanto manifestações de rua contra o sistema atual ganham força apesar de ignoradas por Timon. O mecenas é cantado em versos, pintado, cultuado e louvado em discursos. A prodigalidade dos elogios ao grande personagem não conhece limites. O cínico filósofo Apemantus e sua assistente Flávia tentam alertá-lo contra as falsidades e os excessos, em vão. Timon acredita em seus amigos sobre todas as coisas.

Ao ver-se surpreendido por dívidas, a traição dos "amigos" que se esquivam de ajudá-lo terá lugar de honra à mesa de Timon neste segundo banquete; servindo lixo e excrementos, impreca contra tudo e todos e os enxota. A plebe que protesta nas ruas ataca os convidados quando saem.

Cena 1

NOITE, por volta de 19.00 hs.

Local: Uma grande galeria de arte ou museu

Cenário: Recepção em curso no hall ou antessala das novas salas Timon I e Timon II acima de portas/portais ao fundo, por onde entram e saem convidados / figurantes. Garçons circulam com taças de champanhe e canapés. Vemos na antessala uma grande réplica do quadro de *El Greco: Jesus expulsa os vendilhões do Templo*, na parede à direita.

Figurino: Convidados: Trajes finos, vestidos e ternos elegantes, artistas mais criativos no trajar. Apemantus, o filósofo, é o único com traje esporte. Garçons. Criados de Timon de uniforme.

Som: Música clássica ou jazz instrumental de fundo, burburinho.

Ação:

1. A DESIGNER DE JOIAS/JOALHEIRA já está em cena observando o quadro de El Greco, com taça na mão, e de vez em quando olha ao redor (*inquieta*). Entram POETA e PINTORA por portas diferentes. A PINTORA traz um quadro embrulhado sob o braço; se veem e após cumprimentos conversam elogiando a generosidade de Timon.
2. Entra o ATOR que vê a JOALHEIRA junto ao quadro e se cumprimentam como velhos amigos, elogiando a nobreza de Timon.
3. POETA E PINTORA chegam-se ao ATOR e JOALHEIRA; após elogios ao Timon, a JOALHEIRA lhes mostra um par de abotoaduras que espera vender a Timon esta noite, desde que pague o preço. O ATOR examina e elogia a joia, mas o POETA a critica, à parte, em verso. (*irônico*)
**Quando por recompensa louvamos o que é feio
É maculada a glória do verso leve
Que tão bem canta o belo.**
4. A PINTORA pergunta ao POETA sobre o livro de poemas que está escrevendo, dedicados à TIMON. O POETA pede para ver o quadro que ela traz, e o elogia em verso. (*irônico*)
5. Entra um grupo de SENADORES – observam e o POETA elogia o “**grupo florido de visitas**” que Timon atrai. Entra mais um grupo durante o elogio do POETA. Passam, cheios de importância, e desaparecem pela outra porta.
6. O POETA sugere um tema para um quadro à Pintora que bem retrate Timon, sua doce liderança e a natureza de seus seguidores e adutores, lembrando que
**“Se a fortuna muda seus caprichos, o largam logo
Pois ninguém segue passo que escorrega”.**

7. Entra TIMON com seu criado PHILLOTUS, conversando, e tomam a frente do palco; os outros que iam se aproximar, param e observam. PHILLOTUS o informa que um amigo, Ventidius, foi preso por dívidas; TIMON instrui o criado para pagar a fiança e depois trazê-lo: ajudará Ventidius a sair da crise.
***“Recomende-me a ele; eu mando a soma;
E, libertado, diga que o espero.
Nunca é bastante levantar o fraco,
Depois, é sustentá-lo.”***
8. Entra LUCULLUS, um velho senador ateniense, que vem lamentar-se que a única filha ama um criado de Timon, LUCILIUS, e que não pode permitir tal união: ***“Se ela se casar sem minha permissão,/ Eu juro pelos deuses que eu escolho/ Entre os mendigos o meu novo herdeiro/ E a deserdo. Fica sem nada.”*** “ TÍMON chama LUCILLIUS que estava servindo convidados à sua presença e promete dar meios ao rapaz de construir sua fortuna:
“Farei um esforço para fazê-lo rico,/ Pois é o meu dever. Dê-lhe a sua filha;/ O que lhe der a ela, eu dou o mesmo,/ Dando-lhes, portanto, peso igual.”
9. O grupo de artistas que aguardava se aproxima, e o POETA pede que TIMON aceite seus poemas; a PINTORA lhe mostra a pintura, e TIMON promete ver isto mais tarde, o que os anima e o abençoa. Mas à JOALHEIRA que ganhou fama, reclama:
“Stá saciada de apreciações./ Se tiver de pagar os elogios/ Fico arruinado.”
10. Entra APEMANTUS, o filósofo cético, vestido com simplicidade, esportivamente, em contraste com os convidados. Reclamam, pois repreende e sempre ofende tudo e todos. Critica a pintura, a joia e o poeta e o próprio Timon. Ouve-se uma gritaria vinda da rua: é Alcebiades com seus manifestantes, protestando contra o sistema. TIMON ao saber quem são, dá de ombros e volta-se aos outros para convidá-los a ceiar com ele mais tarde. Após a ceia acertará com os artistas.
11. TIMON sai do grupo para circular entre os convidados, cumprimentando todos e desaparece por uma das portas. Enquanto isto VARRO, senador, e em seguida ISIDIRO, tb. Senador e aborrecem-se com Apemantus. VARRO sugere a ISIDORO: ***“Não quer vir / Provar da mão aberta que tem Timon? /Ele é pura generosidade.”*** Discutem notícias da rua: ***“O jovem Alcebiades incita a cidade pra revolta.// É amado pela multidão desgovernada./ Nosso desdém contra o senado só alimenta /A erva daninha da revolta.”***
12. Vão saindo todos pelas portas, a luz esmaece e apaga, enquanto ouvimos o barulho dos convivas e dos manifestantes de rua simultaneamente. Tempo para mudar o cenário para a CENA 2.

CENA 2

Noite.

Local: Casa de Timon

Cenário: Salão de banquete, com lustre de cristal. Mesa de 12 lugares posta com grande luxo, e velas. Vinho aguarda em baldes de gelo de prata, e jarras de cristal com água. Baixelas de

prata darão apoio para um serviço à francesa. À direita do palco há uma pequena mesa, que será ocupada por APEMANTUS

Obs: São 9 convivas que tem falas. APEMANTUS sentará numa mesinha ao lado. Dois dos convivas serão as dançarinas que virão entreter os convidados. Os outros dois convivas, são personagens sem falas, do elenco geral ou de apoio e ficarão nos lugares centrais que ficam de costas para a plateia, com as dançarinas, que também não terão falas.

Figurino: como Cena I + dançarinas modernas

Som: Música de fundo de acordo com ação + peça p/dança moderna.

Ação:

1. O banquete vai começar. FLAMÍNIA, SERVILUS, PHILOTUS já estão aguardando Timon; FLÁVIA os recebe e supervisiona a mesa: permanecerá na sala supervisionando a ceia; 3 criados circulam enchendo os copos de água.
2. TIMON entra com um grupo de lordes, senhoras e senadores, incluindo VARRO, ISIDORA, LEPIDUS. Logo após entra APEMANTUS, descontente, como costuma ser, e fica afastado. Os garçons enchem os copos de vinho. Entra VENTIDUS, que anuncia a morte do pai e herança: quer devolver o empréstimo de Timon, que o recusa:
*“Mas de modo algum, Ventídius,
Se enganou no meu amor;
Se dei foi porque quis, e não há quem
Possa dizer que deu, se quer de volta.”*
3. Timon convida todos a sentarem e tomarem seus lugares como quiserem; vendo Apemantus afastado, lhe dá as boas vindas, mas este começa sua ladainha de reprovações. TIMON sugere que use a pequena mesa só para si, e APEMANTUS senta-se ali. APEMANTUS fala silenciosamente com um dos criados, que entrará com um prato de cenouras cruas e as porá diante dele.
4. Timon à cabeceira da grande mesa faz o brinde e começa o banquete, com os criados circulando, servindo a ceia. APEMANTUS na mesa ao lado levanta-se e responde ao brinde de Timon com *“a prece de graças de Apemantus”*, que reflete sua descrença nos homens e seu cinismo. Timon o cala.
5. Começam as bajulações e protestos de estima. Timon responde louvando a amizade como o maior valor que possui, e diz que a fortuna de amigos é a fortuna de todos igualmente, inclusive e principalmente a sua.
6. O criado PHILOTUS anuncia que as dançarinas já chegaram para entreter os convidados, e estas dançam um número moderno de 2 minutos, demonstrando grande agilidade. A dança acaba e todos aplaudem. APEMANTUS comenta azedamente. TIMON convida as dançarinas a sentarem-se à mesa nos dois lugares restantes *(de costas para a plateia)*.
7. TIMON chama FLÁVIA e pede que lhe traga as caixinhas com joias para presentear os convidados. Começa a distribuir as caixinhas entre agradecimentos e louvores. *(TIMON está feliz, mas muito agitado; os convidados demonstram certo embaraço ou cinismo em suas expressões e gestos.)*

8. FLAVIA, preocupada, implora uma palavra com TIMON, que a recusa. Entra o criado SERVILIUS anunciando um presente de quatro cavalos brancos que lhe foram enviados, e PHILLOTUS lhe transmite um convite à caça acompanhado de um presente de dois pares de galgos. TIMON, já muito excitado, retruca que recompensará aqueles que o presenteiam tão generosamente. (*Sentimos que começa a perder o controle.*)
9. Flávia, (*angustiada*) à parte, pensando alto, informa a plateia que TIMON está arruinado, não tem mais o que gastar: “**Isso onde acaba?/ Ele manda oferecer, dar mil presentes / E tudo sai de um cofre já vazio;... / Promete muito além do que possui, / O que promete deve, deve o que diz: /Não olha a bolsa, nem me permite / Mostrar que em essência é um mendigo.**”
10. TIMON continua com seus presentes, e dá um corcel a ISIDORO que não quer recebe-lo mas cede perante a insistência de Timon. Continuam os louvores e protestos de amizade e gratidão.
11. O banquete e a cena chegam ao final: os convidados estão se levantando e saindo e APEMANTUS critica Timon: “**Dás tanto, Timon, que temo que te dê de presente dentro em breve. Para que tais pompas, festas e vanglórias?**”
Saem todos. Música.

Cena 3

Local: Casa de Lepidus, senador

Cenário: Um gabinete / escritório na casa de Lepidus

Figurino: Lepidus de terno sem gravata ou sem o paletó: está em casa; o oficial de justiça /cobrador: de terno e gravata simples.

Som: Música de fundo abre, ameaçadora.

Ação:

1. Entra Lepidus no seu gabinete, agitado, com títulos nas mãos que vai mandar cobrar de Timon, que lhe deve (trecho): “**Agora, cinco mil; a Varro e Isidoro / Já deve nove mil, além do meu,/Que somam vinte e cinco. E continua / A ganância louca? Isso não dura.**”
2. Entra CAPHIS, Oficial de Justiça, cobrador e LEPIDUS ordena-lhe cobrar a dívida de Timon: “**Vista a capa e vá ao senhor Timon;/ Pedir o meu dinheiro; não aceite/ Recusas fracas, nem se cale ouvindo/ “Saúdo o seu patrão”; antes insista,/Com o gorro assim na mão — e diga-lhe/ Que estou necessitado; há o que pagar/ Com o meu dinheiro; a hora dele acabou,/ E confiar em quem não cumpre prazo./ Feriu meu crédito. Amo-o e respeito-o,/ Mas não hei de me afogar pra salvá-lo.**”
3. CAPHIS concorda e comenta as manifestações na cidade: “**Esta gentalha vai desgovernar a cidade**”. LEPIDUS assegura-lhe que serão contidos.

Cena 4

DIA, por volta de 13hs.

Local: Lado de fora da casa de Timon, porta da frente entreaberta.

Cenário: O exterior da casa e a calçada da rua.

Figurino: Flávia veste uma roupa discreta, típica de uma assistente administrativa. Os oficiais de justiça vestem ternos simples. Os criados que entram ao final estão de uniforme.

Ação:

1. Chega Flávia do interior da casa e da porta fala à plateia, como se para si mesma, preocupada: **“Não param os gastos insensatos,/ Que ele não pode sustentar,/E nem sabe parar. Não tem consciência/ De que tudo se vai, e nem se importa/ Co’o que vem por aí. Nunca foi sábio /Ser assim insensato e tão bondoso. // O que fazer? Não ouve o que não sente:/ Tenho de falar claro, quando voltar./ É uma vergonha!”**
2. Chegam CAPHIS, TITUS e HORTENSIVS, que ficam afastados – comentam as dívidas que vão cobrar. Aguardam Timon.
3. Chega TÍMON da rua, com um grupo de senhores e senhoras, comentando que sairão de novo após o almoço. CAPHIS chega-se com uma nota devida, TIMON surpreende-se e pede que fale com Flávia. Caphis: **Perdão, senhor, mas ela me enrolou/ A cada novo dia deste mês./Meu amo hoje tem motivo forte/Para pedir o dele, e humilde roga/ Que nisto seja nobre como em tudo,/E lhe dê o seu direito.//** Timon pede que volte no dia seguinte, mas CAPHIS recusa.
4. Flávia encaminha os convidados para dentro de casa. .Aproximam-se os outros cobradores e apresentam suas notas. TÍMON *incrédulo e assustado* volta-se para Flávia: **Venha cá. Me diga/ Que mundo é esse, onde sou instado/ Com clamores de dívidas e títulos,/ E muito atraso em contas já devidas,/Que me desonram?**
5. FLÁVIA pede que os cobradores entrem para almoçar, enquanto fala com seu amo. Concordam e entram pela porta da casa. TIMON lê os títulos de cobrança e acusa Flávia de lhe ter escondido a situação. FLAVIA se defende: **“...lhe implorei /Que fechasse mais a mão. Suportei,/ Com frequência, repreensões, se o lembrava/ Que suas posses ’stavam na vazante,/E as dívidas na cheia. Meu amo /Escuta agora, mas é tarde; agora, Falta ao que tem mais da metade/Da soma do que deve.//**
6. TIMON fica ao para da situação em que está, mas confia nos amigos para ajuda-lo: **“Vamos, pare com o sermão./ Não dei meu coração a desonestos;/Tenho sido insensato, não ignóbil./ Chora por quê? Falta-lhe então confiança,/ Julga que perco amigos? Tenha calma./ Se eu procurasse aqueles a quem amo,/Pondo sua estima à prova com empréstimos,/ Com suas fortunas poderia contar,/ Assim, (faz gesto) tão facilmente.”**
7. Chama os criados: FLAMÍNIA, SERVÍLIUS E PHILÓTUS e os instrui para buscarem empréstimos junto a seus melhores amigos e àqueles que ajudou no passado e até ao Senado. FLAVIA comenta que já tentou junto ao Senado sem resultados. Timon fica chocado: **“Deus lhes dará o troco! / Mostre-se alegre. Esses velhos/ Sofrem de ingratidão hereditária;/ Seu sangue espesso é frio e mal circula;/ E sem calor ninguém é caloroso.” //** Mas continua confiando nos amigos:

“Nem ouse pensar/ Que entre amigos Timon vá se arruinar.” FLÁVIA mostra-se descrente. Os criados saem para sua missão.

Cena 5

DIA, à tarde por volta de 15 hs

Local: Casa de Lucullus, senador

Cenário: Sala de visitas da mansão

Figurino: Flamínia, a criada de Timon, no mesmo uniforme com um casaco por cima. Lucilius, agora genro de Lucullus, vestido como um jovem; LUCULLUS de terno, sem gravata e sem casaco, à vontade em casa.

Ação:

1. FLAMÍNIA e LUCILLIUS trocam cumprimentos e comentam o que se passa nas ruas: *“O povo segue Alcebíades:“ Clamam/ Por pão a preço justo e dizem que / Falta não haverá.”* Lucilius comenta: *“Pois em tempo/ Arrombarão as portas do Senado./ Corvos contra corujas.”*
2. Entra LUCULLUS, pede que Lucilius lhes sirva vinho, imaginando que FLAMÍNIA lhe traz um presente de Timon. Quando vê que Timon manda lhe pedir 50.000, surpreendido de pronto recusa: *“Seria um nobre cavalheiro, não fosse tão farta a sua casa. Quantas e quantas vezes eu jantei com ele e assim lhe disse; em outras tantas voltei a ceiar com ele com o intuito de convencê-lo a gastar menos. Porém não seguiu o meu conselho, nem atendeu a meu aviso. Todo homem tem suas faltas; a dele é a generosidade. Disso tudo lhe falei, mas de nada adiantou.”*
3. O vinho é servido e LUCILIUS sai. Lucullus tenta dar dinheiro à Flamínia para que diga a Timon que não o encontrou. FLAMÍNIA fica indignada: *“Que o vil metal o amaldiçoe/ É um arremedo de amigo, uma doença!/ É a amizade assim tão fraca e tonta / Que em duas noites muda? Ai, deuses,/ Sinto tanto por meu amo.*

CENA 6

DIA – à tarde, por volta das 17 hs, ensolarado.

Local: Casa de Ventidius, senador,

Cenário: Uma varanda ou terraço na casa do senador.

Figurino: Pintora como sempre veste-se “artisticamente”. Poeta já não vestido para festa: roupa um pouco surrada, lenço ao pescoço, Ventidius veste terno sem gravata, está em casa. Criado de Timon de uniforme com uma jaqueta por cima.

Ação:

1. POETA, PINTORA e VENTIDIUS, comentam o boato que corre: que Lucullus recusou empréstimo à Timon. VENTIDIUS mostra-se indignado E afirma que se tivesse procurado a ele não haveria de o negar.

2. Entra SERVILIUS da parte de Timon para pedir-lhe também 50.000. Ventidius não consegue acreditar e se desculpa:
“Que besta vil eu sou, de estar despreparado pra esta boa hora, quando poderia ter-me mostrado honrado! Foi muito azar eu ter comprado ontem um negócio, e por uma pequena soma perder uma grande honra. Servilius, pelos deuses que não posso - grande besta que sou!” // “E diga-lhe que me aflige, e muito, não poder ajudar um homem tão honrado. Bom Servilius, por amizade, repita-lhe exatamente minhas palavras, sim?”
3. Ventidius sai e POETA comenta: *“Essa é a alma do mundo,/ E bem do mesmo estofa a inspiração /De quem bajula.” // Finaliza: Timon para ele foi um pai; pagou/ Tudo que devia, seu crédito honrou. / Sim, foi Timon que/ Sustentou-lhe a casa; e o seu dinheiro/ Pagou-lhe os empregados. // ~ // E, no entanto, lhe recusa nesta hora/ O que ao mendigo dá o caridoso.”* A PINTORA concorda e saem.

Cena 7

DIA, à tarde, por volta da mesma hora da cena 6.

Local: Casa de Sempronia, senadora

Cenário: No terraço ou varanda da casa da senadora.

Figurino: SEMPRONIA em casa com um vestido longo e confortável e um xale.
PHILOTUS, criado de Timon, de uniforme.

Ação:

1. PHILOTUS já lhe pediu dinheiro; SEMPRONIA argumenta que Timon devia pedir aos outros, e ao saber que recusaram, fica indignada: *“Como? Todos recusaram? Lhe recusaram Ventidius e Lucullus?/ E só agora vem a mim – hm? / Pois mostra assim pouco amor e critério./ Sou último recurso? Amigos o abandonam/ E ficam bem assim. E eu vou o salvar?/ Fui humilhada; zango-me com ele.”* Se levanta, faz gesto de ofendida com o xale e sai.
2. PHILOTUS critica SEMPRONIA: *“Como esta senhora capricha na sordidez. Faz ares de virtuosa ao praticar suas maldades! Como o ardor dos zelosos que incendia reinos: é bem assim a natureza de sua “conveniente” afeição.” // “Ela era a última esperança do meu amo./ Exceto os deuses, todos já correram; / Foi-se a esperança. A amizade morreu.”* Sai, desanimado

CENA 8

Manhã um pouco antes das 9.00 hs.

Local / Cenário: Lado de fora da casa de Timon mais uma vez.

Figurino: Cobradores de terno comum. Os dois paparazzi vestidos como tal, com câmeras a tiracolo. Os criados de uniforme e Flávia, enrolada em um grande manto. Timon está desganhado, descabelado com as roupas amassadas.

Ação:

1. TITUS e HORTENSIUS (cobradores) estão esperando, fumando e bebendo café. Dois paparazzi aguardam com eles, também fumando. Aguardam Timon. Entra CAPHIS e comentam sobre as chances que tem de receber as dívidas. TITUS se

mostra preocupado: ***“Tenho medo/ Que a bolsa de Timon ‘steja no inverno,/E que mesmo buscando lá no fundo/ Se encontre pouco.”***

2. Comentam com estranheza que algumas das dívidas se referem a presentes dados por Timon: TITUS comenta ***“Mas usa joias doadas por Timon,/Pelos quais estou cobrando. Me deve dinheiro por elas.”***// CAPHIS retruca: ***“Mas que estranho, Timon no caso paga mais que deve:/ Como pode seu amo, usando as joias/ Pedir dinheiro por elas?”*** HORTENSIVS finaliza: ***“Pelos deuses, não gosto desta tarefa; Meu amo, eu sei, gozou dos bens de Timon,/ E ser ingrato é pior do que roubar”***
3. Passa FLAMINIA e procuram saber de Timon. Entra FLAVIA, abatida, enrolada num manto e perguntam sobre Timon e o pagamento. FLAVIA informa: ***“Fosse dinheiro tão certo quanto a espera, / Seria certo mesmo”. (...) Se prejudicam ao me perturbar./ Deixem-me ir tranquila./ Meu amo e eu já demos nosso basta;/ Nada tenho a controlar, ele a gastar.”*** // Os cobradores protestam.
4. Entra SERVILIUS, que pede que voltem em outro momento, pois Timon está com a saúde abalada e não sai do quarto. Neste momento entra TIMON, desorientado e agressivo. Todos avançam na sua direção e Timon grita: ***“Pois me derrubem; podem retalhar-me.// Repartam meu coração em dívidas”.***// Timon corre de um para o outro, enlouquecido: ***“Pois pague-a com o meu sangue. Vinte mil gotas pagam isso. (...) Quanto é a sua? E a sua? // Repartam-me, me levem, e que os deuses caiam sobre si!”***
5. Os cobradores percebem que é um caso perdido: Timon enlouqueceu. Os paparazzi batem fotos. Saem todos.

Cena 9

DIA, manhã, por volta das 11hs

Local No interior da casa de Timon. **Cenário:** No salão de jantar

Figurino: Os criados de uniforme e Timon ainda de terno mas todo desganhado.

Ação:

1. Timon ainda desnortado, se movimenta para baixo e para cima, reclama dos cobradores e de repente para: tem uma ideia. Chama Flávia e pede que mande convidar os mesmos amigos de antes, que lhe faltaram, para celebrar a corja. Flávia protesta que não tem nada para servir: ***“Senhor,/ Sua fala é de alma ensandecida;/Não temos o bastante pra servir/ Mesa modesta”.***//
2. Timon diz que não se preocupe, verá com seu cuca o que servir. Está animado e rindo consigo mesmo.

Cena 10

NOITE, por volta das 9:00hs

Cenário: Salão de banquetes mais uma vez – a mesa entra, já posta para 12 convidados, o lustre desce e as velas são acesas. A parte frontal do palco servirá de rua após o banquete por onde a plebe atacará os convidados.

Figurino: Todos vestidos de trajes finos

Ação

1. A festa vai começar, mesa posta e ouve-se o barulho da plebe lá fora. Os convidados vão entrando, um tanto desconfiados. Comentam que certamente Timon os estava testando no outro dia, e se justificam por suas recusas.
2. Entra TIMON e os saúda amigavelmente. Os convidados se desculparam com ele voltam a bajula-lo. Timon aceita com aparente serenidade e os consola.
3. Convida-os à mesa, sentam-se e entram os criados em fila, trazendo pratos cobertos. Os convivas pensam que este será de fato um banquete real, tal a pompa.
4. Com todos sentados, Timon faz uma prece, que começa suavemente e vai ganhando um tom de raiva:

“Oh, grandes benfeitores, cubram de gratidão aqueles aqui reunidos. Que por seus dons sejam louvados, mas que não deem tudo que possuem, para não serem desprezados. Emprestem a todos o suficiente para que nenhum precise pedir ao outro; pois se os deuses pedissem aos homens, seriam abandonados. Que amem mais a carne do que quem a dá. Que de cada vinte reunidos, a grande parte seja de vilões. (...) Ao resto de seus inimigos - senadores, juntamente com o povo e a ralé — tornem condenáveis os seus erros, oh deuses, para que sejam destruídos. Para estes meus amigos aqui presentes, que nada são para mim, em nada os abençoem, pois a nada são bem-vindos!”

Os convivas que sorriam, agora trocam olhares de incompreensão e preocupação entre si - as travessas são destampadas: um cheiro terrível de lixo e excrementos - uma fumacinha sai dos pratos. Os convidados tapam o nariz e começam a se levantar com gestos de horror.

5. TIMON, agora gritando, com uma alegria feroz:

***“Que não tenham jamais festa melhor!
Amigos da boca pra fora! Esse é a última de Timon.
Que, coberto do brilho de seus elogios
Os lava fora e borrija em seus rostos
Sua fétida vilania.”***

TIMON continua aos gritos enquanto os convidados vão reunindo suas coisas para saírem, certos que Timon enlouqueceu:

***“Idiotas por destino, dragas famintas,
Escravos abjetos - vigaristas!
Que toda doença, de gente e de bicho,
Os deixe em chagas.”***

6. TIMON pega o lixo dos pratos e começa a atira-lo sobre eles:

***“O quê? 'Stão indo?
Queimem a casa, afundem Atenas!
Daqui pra frente serão odiados
Por Timon o homem e a humanidade.***

TIMON sai às gargalhadas. O barulho da plebe de rua aumenta.

7. Os convidados se perguntam sobre a causa de tamanha fúria enquanto procuram por pertences e joias que não encontram. Pegam algumas de suas coisas, nervosamente, alarmados.
8. Saem todos para a rua, onde irrompe a violência. Manifestantes se atiram sobre os convidados, fazem chover lixo sobre eles, que gritam e correm enquanto ouvimos as gargalhadas de Timon.

Ato II

Em 4 cenas, 11 a 14, o segundo ato nos dá o **desenvolvimento da crise** e a **resolução do conflito**.

Timon, arruinado, foi morar nas ruas, catando comida no lixo, morando num beco sujo das ruas, imprecando contra a humanidade e procurando vingança. Timon encontra ouro escondido numa lata de lixo, e o rejeita, mas logo resolve usa-lo para sua vingança. A sua amargura e o desejo de acabar com Atenas não se abate. Vários o procuram mas é quando Alcebiades, a caminho de Atenas, cruza seu caminho que Timon resolve dar-lhe todo o ouro para que, apesar de mísero homem como os outros, derrube o sistema e destrua Atenas.

Vendo seu destino cumprido, prepara sua tumba junto ao mar, escreve seu epitáfio e desaparece. Alcebiades toma Atenas, mas como General e o novo líder, compõe com os velhos senadores e não a destrói. Quando lhe trazem a notícia da morte de Timon, lê seu epitáfio e o lamenta, saindo com seus seguidores, agora engravatados, para as declarações de efeito e fotos. Tudo mudou e nada mudou. Timon, de sua tumba os amaldiçoa aos berros.

Cena 11

Local: Em algum lugar remoto da cidade

Cenário: Uma rua pobre e remota e escura. Vê-se ao longe luzes da cidade.

Figurino: Timon veste uma capa sobre o terno já desganhado que usava, quando tira a roupa, fica só de cuecas e camiseta.

Ação:

1. Timon entra, olhando as luzes da cidade ao longe:

"Deixe-me olhá-la de novo. Oh tu, muralha, / Que esses lobos abraça; caia e deixe Atenas livre." Segue desejando que a ordem das coisas seja subvertida:

"Que mulheres descontroladas / E filhos rebeldes, tolos e escravos / Arranquem do Senado esses velhos / E tomem seus lugares. (...) E viva o caos!"

Arranca a capa e tira as roupas ficando de cuecas e camiseta.

"Nada eu daqui levo / Senão nudez, cidade detestável! / Levem isto também, com minhas pragas!" Atira longe as roupas. **'E permitam que em Timon cresça o ódio / Que tem a todo humano, nobre ou vil.'**

Cena 12

Local: A mesma rua da cena 11

Cenário: como na cena 11

Figurino: Os criados vestem casacos sobre os uniformes. Flávia vestida normalmente, com uma capa e lenço na cabeça.

Ação:

1. Entram FLAMÍNIA e SERVILIUS com FLÁVIA, que, aflita, procura Timon:
“Onde está o nosso amo? Acabou? / ’Stamos perdidos, não sobrou mais nada?”
SERVILIUS questiona:
“Uma casa assim quebra?/ Cai amo assim tão nobre, vai-se tudo,/E não o ajuda amigo nessa hora/ De má fortuna?”
FLAMÍNIA diz dos falsos amigos e de Timon:” ... *Lhe deixam falsas juras/ Quais bolsas já roubadas; e ele, pobre,/ Um mendigo dedicado ao nada, / Doente da pobreza que repugna,/ Desprezado, anda só.*

2. Entra PHILOTUS, e comprova sua fidelidade ao amo:
“No peito ainda trazemos/ As cores de Timon. Se somos leais/ Servimos também na tristeza./ Se a barca vaza e ficamos todos/ Ouvindo a onda rugir no convés,/Iremos afundar no nada.”

FLÁVIA vê que não o encontrarão - pega algum dinheiro que trouxe e o distribui:
“Meus bons amigos,/ Tudo que me resta, com vocês eu compartilho/Onde nos virmos, por amor a Timon,/ Que seja como irmãos. Com o pesar/ De um dobre de finados diremos:/ “Foi-se o bom tempo”. Um pouco para cada./Estendam as mãos. Nada mais digamos;/ Pobres e tristes nós nos separamos.”

3. Flávia fica em cena, questionando o valor da riqueza e da bondade e resolve procurar Timon e servi-lo de graça enquanto tiver meios para sobreviver

*“Que desgraça terrível traz a glória!
Quem não havia de negar-se à riqueza
Se ela leva ao desprezo e à pobreza?
Ou ser palhaço da glória, e só viver
No sonho da amizade.”*

...

*A generosidade que faz deuses,
Quebra os homens. (...)
Eu vou segui-lo, procurar por ele,
Hei de assisti-lo sempre no que quer
Hei de servi-lo, enquanto ouro eu tiver.*

.Cena 13

Manhã

Local: Um beco abandonado

Cenário: sobreposto ao cenário de rua anterior, um beco abandonado cheio de latas e sacas de lixo.

Figurino: Timon está vestido com roupas descartadas, tipo morador de rua. Alcebíades, vestido como manifestante mas um pouco melhor que seus seguidores. As duas mulheres que o acompanham usam roupa provocativa, saias muito curtas, botas e maquiagem pesada. Lembram prostitutas.

Ação:

1. Entra TIMON, com um saco. Continua sua ladainha contra os homens e o mundo, mas agora em tom mais deprimido, que por vezes se levanta em revolta. Tem fome e procura comida nas latas de lixo.
2. Encontra um pacote escondido ao fundo de uma lata de lixo mais afastada. Abre o pacote e vê ouro e fala dos efeitos do “vil metal”
**“Ouro? Amarelo, precioso e brilhante?
Não, deuses, não sou um viciado –
(...) Um pouco disto
Faz do preto, branco; do errado, certo;
Nobre, o vil; moço, o velho; bravo, o fraco
Ah, deuses, por que isto?”**
3. Musica ao longe com o rufar de tambores que as turbas de Alcebíades tocam. Esconde o ouro e entra Alcebíades, discursando, acompanhado de PHRYINA e TIMANDRA até perceberem a presença de Timon. Alcebíades:
**‘Stamos loucos!
Enquanto eles contam e emprestam
Seu dinheiro a juros altos, nós aqui
Só somos ricos em desgraças.
É motivo mais que justo para nosso fel e fúria.
Temos que atacar Atenas!
Quem está aí? Fale.**
4. TIMON inicia imprecações contra ALCEBÍADES que o reconhece
Mas como mudou tanto o nobre Timon?
Ao que Timon retruca:
**Como a Lua, eu queria luz para dar
Mas não pude, como a Lua, renova-la.
Não havia o sol pra luz m´emprestar.**
5. Quando as mulheres se apresentam e lhe falam, Timon as ofende mas ALCEBÍADES lembra que **“sua mente afogou-se e só pensa no mal”**. Compadecido, Alcebíades lhe oferece um pouco do dinheiro que tem, mas Timon vê uma oportunidade de realizar sua vingança:
**“Guarda o teu ouro. Eu te dou ouro. Vai!
Seja praga planetária que Zeus
Envia pelo ar pra envenenar
Os vícios das cidades. Mate a todos.”**
(...)
**“Protege teus olhos e ouvidos.
Que gritos de mães, filhos e virgens
Não te alcancem. Que não te importe ver
Padres com batina cor de sangue.
Sim, temos ouro pros soldados.
Crie o caos, e esgotada a tua fúria,
Maldito sejas! Não digas nada. Vá!”**
6. Alcebíades fica surpreso; as mulheres pedem mais para si, e Timon lhes aconselha usar o ouro não para se regenerarem, e sim para espalhar desgraças:
**“Semeiem doenças
Nos ossos vazios dos homens; atinjam
Seu sexo - que não mais copulem.**

***Contaminem tudo. (...) Tomem!
Aqui tem mais ouro.
Que se percam os outros e que isto as perca
E em valas os enterrem a todos!”***

7. Rufam mais perto os tambores dos seguidores, e Alcebíades e as mulheres saem, sem dinheiro, certos de o terem ofendido.
8. TIMON volta a procurar comida:

***Mãe terra,
Cujo ventre e seio, infinitos,
Tudo alimentam; (...) cede a mim,
A quem teus filhos tanto odeiam,
Algo pra comer! (...)
Seca o teu ventre fértil, produtivo,
Pra que não gere mais homens ingratos.
Emprenha-te de tigres, lobos, ursos,
Multiplica-te com novos monstros...
- Ah, comida, gratíssimo!***

TIMON acha uma quentinha com restos e come faminto

9. Entra APEMANTUS, que o procurava:

***“...Pra que, pá,
Este lugar, e o aspecto de mendigo?
Vivem no luxo os teus bajuladores,
Abraçam as amantes, e esqueceram
Que Timon existiu. Não envergonhes
A classe adotando esse ar cínico.
Bajula agora, e busca prosperar
Usando o que perdeste. (...)
Seja canalha! Tornando a ser rico,
Os crápulas hão de voltar. Não faça como eu.”***

TIMON não aceita os conselhos do filósofo cínico e começam os xingamentos e ofensas costumeiras. APEMANTUS comenta:

“Você não conhece a média humana; só seus extremos. Quando era todo dourado e perfumado, era debochado pelos seus requintes; em trapos não os tem, mas pelo oposto é desprezado. Que homem já conheceu que foi amado depois de perder todos seus bens?”

10. TIMON tenta enxotar APEMANTUS em vão. Ouvem sons de gente se aproximando. Timon, esbravejando contra Apemantus, revela sua intenção de morrer, como se falando para si mesmo:

***“Safado, safado, safado!
Estou farto deste mundo falso, e a nada amo
Além do mero necessário nele.
Então, prepare sua cova, Timon,
Onde a espuma do mar possa bater
Na lápide a cada dia; faça seu epitáfio
Pra que na morte possa rir da vida.”***

TIMON lhe fala do ouro e APEMANTUS comenta: **“Disse que tem ouro? Logo virão multidões.”** ENTRAM 3 BANDIDOS e APEMANTUS sai.

11. Os bandidos entram especulando entre si sobre o ouro que Timon tem. Veem Timon, que um deles reconhece. Pedem o ouro:

“Corvos! Abutres! Nunca o terão. Ladrões!”

Os bandidos se dizem necessitados, não ladrões. Timon retruca:

“Necessitam por quererem demais.

Querer por quê? (...)

Generosa mãe-terra, a natureza

Nos provê de tudo. Que falta há?”

Timon resolve dar-lhes algum ouro:

“(...) Mas devo agradecer-lhes:

Confessam ser ladrões e não trabalham

Nos ofícios mais normais, onde o roubo

É bem maior. .Ladrões e malandros,

Eis ouro. Suguem sangue desta vinha,

Roubem vidas e riquezas, pratiquem

Vilânias, já que são bons artesãos.”

TIMON os incita a ir para Atenas e quebrar tudo. Os bandidos chegam à conclusão que está louco e saem.

12. Entra FLÁVIA, que finalmente o encontra para oferecer-lhes os serviços.

“Deuses!

Mendigo e desprezado, é esse meu amo?

Tão decaído e fraco? Oh monumento

Ao desperdício do bem mal usado!

(...) Ele me viu; a ele hei de mostrar

Que o lamento; e que como meu amo

Hei de o servir com a vida. Meu senhor!”

TIMON pede que saia, mas convencido finalmente da honestidade de FLÁVIA, que chora, lhe dá ouro também para que se mantenha afastada da humanidade e prometa odiar a todos.

“Mas, chora? Venha cá. Então a amo,

Pois é mulher, e vem pra desmentir

A pedra que é o homem, cujos olhos

Só choram por riso e luxúria,

Não piedade. Estranhos tempos esses

Que choram de riso, não de tristeza.”

FLÁVIA quer ficar mas TIMON a manda embora.

“Se não quer que eu lhe rogue pragas,

Vá! Voe, enquanto é livre e bendita

Nunca mais veja os homens, nem a mim.”

TIMON se recolhe a um canto e senta no banquinho, pensativo e triste.

13. Entram POETA, PINTORA. TIMON os observa. Acendem cigarros e fumam. Falam cinicamente em o que vão oferecer-lhe para ver se Timon lhes dá ouro, conforme correm os boatos. Resolvem prometer presentes, já que não trazem nada:

“Não poderia ser melhor. O ar de nosso tempo é de promessas; abre o olhar da expectativa. Cumprir a promessa é sempre mais sem graça, salvo para gente muito simples – pois fazer o que se diz está bem fora de moda.”

TIMON sai das sombras e os saúda como velhos amigos, elogiando sua honestidade. Eles expressam sua gratidão da generosidade passada de Timon e começa a bajulação. Timon oferece-lhes restos de comida e água, e diz saber que estão cientes que tem ouro e promete dar-lhes algum, desde que prometam liquidar uns vilões.

***“Eu amo a ambos; e lhes darei ouro,
Mas livrem-se de vilões por companheiros;
Os enforcuem e afoguem numa vala,
De algum modo os destruam, depois venham,
Que os cobrirei de ouro.”***

Prometem faze-lo e Timon lhes conta quem são: eles mesmos.

***“Você de um modo, ele de outro,
Cada um por seu lado e por si
Tem um arquivilão por companhia.
Fora, cães! Queriam ouro, aqui está! “***

Joga lixo neles, que saem correndo. Se retira.

14. Entra FLÁVIA, acompanhando LEPIDUS e SEMPRONIA que querem ver Timon querem que volte pois precisam de seu ouro para lutar contra Alcebiades. Ao vê-los TIMON se enfurece e tentam acalma-lo com lisonjas. Ao final, Timon dá seus termos:

***“Eu voltarei, senhor, se for assim:
Se Alcibiades dizimar a todos,
Digam a ele, da parte de Timon,
Que este não liga. Mas, saqueando Atenas,
Agarrando os seus velhos pelas barbas,
Entregando-lhe as virgens pro deboche.
De soldados que a guerra tornou feras,
Que ele saiba - e é Timon que o diz,
Com pena da velhice e juventude-
Que eu não ligo. (...) E eu os deixo,
Esperando que os deuses os protejam
Quais guardas aos ladrões.”***

15. FLAVIA lhes faz ver que é inútil insistir, e TIMON se despede:

***“Eu vinha de escrever meu epitáfio,
Que verão amanhã. Minha doença,
De saúde e de vida, estou curando,
E o nada me é tudo. Vão-se; vivam;
Que sejam praga mútua com Alcibiades,
Por muito tempo.
(...) Porém amo o meu país, e não sou
Dos que se alegram com a geral desgraça
Como dizem por aí.”***

(...)

***“Não voltem mais aqui; à Atenas digam
Que Timon fez sua morada eterna
Na praia que limita o mar salgado***

*Que uma vez por dia a maré,
Inchando a espuma, há de cobrir com ondas.
Venham lá. E que minha tumba seja
O seu oráculo. Que palavras
Amargas passem ao longe, se calem.
O que está errado, possa a peste curar.
As tumbas são só obras de homens
E a morte seu ganho. Que caía o sol.
O reino de Timon acabou.”*

16. Saem todos e pelo palco passam ALCEBÍADES com a turba.

ALCEBÍADES anuncia:

*“Avisem aos covardes da cidade
Que nosso terror já chega.”*

Cena 14 – subdividida em a,b,c

DIA

Figurino de todas cenas 14.a,b,c: Senadores como antes. Manifestantes, debaixo dos moletons devem vestir terno e gravata,. Alcebíades veste uma farda de General debaixo da roupa de manifestante.

Cena 14.a

Local: Rua

Cenário: um largo ou praça em frente ao Parlamento ou Congresso. Um pequeno pedestal de onde Alcebíades discursa. Ao fundo uma imagem do senado.

Ação:

Alcebíades discursa:
*“Senadores de Atenas!
Até hoje gastaram nosso tempo
Com desatinos, impondo à justiça
Sua vontades; como até aqui
Eu e outros, dormindo à sua sombra,
Co’ armas desocupadas suspiramos
Em vão por nossas dores. Mas é tempo
De acordar a bravura adormecida,
Pra gritar “Basta!”. Os males sufocados
Vão respirar nos seus pomposos tronos,
Enquanto a insolência perde o fôlego
Em fuga apavorada.”*

Cena 14.b

Local: Dentro do senado/parlamento/ congresso

Cenário: Uma pequena sala ou gabinete improvisado, com mesas e cadeiras normais – é um lugar escondido. Uma moldura de janela pendurada através da qual os manifestantes observam o que se passa. Imagem do senado ao fundo continua.

Ação:

1. Alcebíades e os senadores estão sentados nas várias mesinhas e cadeiras; os senadores oferecem acordos e composições que possam servir a todos, indicando quem deve cair e quem deve ficar na nova composição do poder. Alcebíades escuta um por um.

2. ISIDORO apela:

“Querido cidadão:

Traga as tropas, mas deixe fora a ira.

Poupe o berço ateniense e toda a raça

Que há de cair no fogo do seu ódio

Junto co’os que ofenderam. Qual pastor

Separa do rebanho os infectados,

Condene estes que lhe oferecemos

Para não matar a todos.”

Passa-lhe uma lista. SEMPRONIA E LEPIDUS prometem atender seus apelos. LUCULLUS continua:

“Seus poderes e toda sua tropa

Nesta cidade terão porto,

Até selarmos nosso acordo.”

3. A turba à janela começa uma gritaria. Alcebíades faz gesto altivo para que se afastem. A cena escurece. A gritaria vai diminuindo e entra música

Cena 14 c

Local: A mesma sala sem as mesinhas e cadeiras

Cenário: Uma grande mesa, a mesma usada para o banquete, agora ao centro da sala, com 12 lugares.

Elenco de apoio: seguidores de Alcebíades de moletom, mas vestindo ternos por baixo. Fotógrafos que aguardam nas laterais.

Ação:

1. Os acordos foram feitos e os senadores, de pé, demonstram satisfação. Alcebíades, de pé à cabeceira, tira o moletom, revelando o uniforme de general que veste por baixo, e as atira longe. Alguns de seus homens aguardam afastados ao fundo. A música cresce. Senta-se e faz gesto para que os senadores façam o mesmo. Anuncia:

“Estes nossos inimigos

Que os senhores mesmos indicaram

Caem sozinhos. E não tenham medo:

Pra demonstrar nobreza de intenções,

Ninguém sai do quartel, ou quebra a lei

Que é da justiça da nossa cidade

Sem ser punido pelas suas leis

Em seu extremo.”

2. Os senadores aliviados, cumprimentam Alcebíades e se parabenizam entre si. Entra um oficial-comandante anunciando a morte de Timon:

Meu nobre general, Timon ’stá morto,

***E enterrado em uma tumba junto ao mar;
Na lápide encontrei esta inscrição.***

ALCIBÍADES lê o Epitáfio:

***“Aqui jaz Timon, que viveu odiando;
Me maldiga ao passar, mas vá andando.”***

Os senadores murmuram entre si, com gestos de surpresa e um pouco confusos; Alcebiades faz uma pausa, limpa a garganta e diz:

“Isso expressa sua alma no final./ Mesmo que nos odeie em nossos males,/ Despreze-nos as lágrimas e o pranto/ Que a natureza gera, teve a ideia De ter sempre o choro de Netuno/ A banhar de perdão suas faltas . Morreu o nobre Timon, cuja memória/ Celebraremos depois.”

3. Os senadores acenam as cabeças gravemente. Pausa e continua:

***“Levem-me agora
À cidade, onde farei a guerra
Gerar paz, e a paz matar a guerra.”***

Os senadores se entreolham um tanto céticos, com sorrisos mal disfarçados.

4. Alcebiades, altivo, levanta-se e faz um sinal para seus homens. Alegremente estes tiram os moletons: estão de terno por baixo. Jogam ao chão as roupas e as chutam com desprezo, arrumando as gravatas e seguem Alcebiades que vem para a frente do palco com grande pose. Das laterais saem fotógrafos de máquinas em punho. Os senadores saem. Os fotógrafos correm na direção de Alcebiades; flashes pipocam. ALCEBÍADES anuncia aos jornalistas:

***“Usarei a paz como minha espada.
Já castigamos os culpados. Basta!
Vamos compor com os inimigos,
Serão amigos.
E esqueceremos os malfeitos
De quem nos seguir.***

5. Pausa, e faz gesto aos seguidores para que se aproximem mais e finaliza, abrindo os braços, posando para as fotos, de um lado e do outro:

***E agora felizes
Iremos ao encontro da Liberdade,
Da verdadeira democracia
De Atenas.***

6. Saem falando, gesticulando, rindo. Ouvimos em *off* a voz de Timon, gritando, com um som do mar ao fundo:

***Canalhas! Víboras! Ladrões!
Crápulas! Safados! Cããães!***

Fim

Susan Mace, 2013